

PREFÁCIO

Este livro nasceu principalmente da necessidade de textos que servissem de iniciação ao estudo da Literatura Cearense. Textos selecionados que pudessem dar uma idéia (a mais completa possível) dos diversos estágios por que têm passado as nossas letras.

Como não se desconhece, os poucos livros que tratam do assunto, apesar de obras da melhor categoria literária em sua maioria, além de se acharem hoje esgotados, sendo portanto praticamente inacessíveis ao estudante contemporâneo, não se revestem — nem foi essa a intenção de seus autores — do caráter didático que pretendemos imprimir ao presente trabalho.

Por outro lado, buscamos apresentar simultaneamente uma antologia e um roteiro crítico, o que não esperamos seja de modo algum a última palavra a respeito dos autores aqui estudados, mas tão-somente um ponto de partida.

Fizemos questão naturalmente de seguir a ordem cronológica mas, acima de tudo, preocupou-nos o estudo de cada escritor dentro de sua corrente estética, o que ainda não foi feito em nossa literatura.

Assim, é dividido o volume em tantos capítulos quantas sejam essas correntes ou escolas literárias; entretanto, além dos autores, foram estudados também os movimentos que agitaram as letras em nosso Estado, mas que não constituem propriamente estilos de época; são antes agremiações que, por sua importância, merecem destaque especial, como a Acade-

mia Francesa, o Clube Literário, a Padaria Espiritual, o Grupo Clã, etc.

Os que estão familiarizados com o evoluer das correntes literárias estranharão o fato de apresentarmos o Simbolismo antes do Parnasianismo; é que, fundamentados em pesquisas que há anos vimos efetuando, chegamos à conclusão de que, ao tempo da famosa Padaria Espiritual, em plena década de 90, já havia aqui poetas verdadeiramente simbolistas, contemporâneos por conseguinte daqueles que, no sul do país, erguiam pela primeira vez a bandeira do Símbolo. Entretanto, os que aqui se consideravam parnasianos longe estavam da perfeição formal, que só iria surgir plenamente no início do século XX.

Como, justamente por volta desses anos 90, versejavam uns à maneira realista, mas com toques românticos; outros, romanticamente mas com a forma um tanto esmerada; outros ainda, de maneira puramente romântica; e outros, por fim, misturando notas realistas e decadentistas, para não falarmos de um genial poeta que mergulhou no quinhentismo em pleno século XX, resolvemos reservar-lhes um capítulo especial, a fim de serem conhecidas suas diferentes tendências.

Quanto ao fato que marca os primórdios das letras cearenses, ficamos com Dolor Barreira, em sua *História da Literatura Cearense*, para quem são os chamados Oiteiros, de 1813 e 14, a mais remota manifestação da literatura em nosso Estado.

São diversas as opiniões nesse terreno: para Antônio Sales, em sua "História da Literatura Cearense" (*in O Ceará*, de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho), bem como para Mário Linhares, na *História Literária do Ceará*, nossa literatura teria começado com a publicação dos *Prelúdios Poéticos*, de Juvenal Galeno, em 1856. Para Tristão de Ataíde, nos *Estudos* (2.^a série), nossas atividades literárias tiveram seu início em 1859, ano em que esteve no Ceará a Comissão Cientí-

fica de que fazia parte Gonçalves Dias; o poeta indianista, segundo se conta, teria aconselhado Juvenal Galeno a explorar a poesia popular, com a qual viria a consagrar-se. Por fim, Cruz Filho, em sua *História do Ceará*, fixaria o ano de 1872 como o do alvorecer de nossa vida cultural: nesse ano, consoante opinião de Guilherme Studart, tiveram início as atividades da Academia Francesa do Ceará, agremiação que difundiu aqui as idéias positivistas da França.

Entendemos entretanto que, embora tragam todas as características da literatura portuguesa, e muito pouco representam no tocante à qualidade artística de suas produções, os poetas dos "oiteiros" escreveram no Ceará, alguns deles com referências em seus poemas a localidades cearenses, e por isso devem figurar, pelo menos como precursores.

Com relação ao critério de escolha dos escritores contemplados no presente trabalho, devemos igualmente uma explicação: discordamos do sistema adotado pelo eminente historiador Guilherme Studart (Barão de Studart), em seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, em que só são incluídas pessoas nascidas no Ceará, não obstante algumas haverem deixado muito cedo a terra do berço. Assim, deixa de figurar um Rodolfo Teófilo, por haver nascido acidentalmente na Bahia, figurando, porém, um Oscar Lopes, do qual se pode dizer que somente nasceu aqui...

Concordamos com Antônio Sales, e com Dolor Barreira, que em parte lhe seguiu as pegadas, uma vez que incluímos:

- 1 — autores nascidos aqui e que aqui produziram literariamente, como Juvenal Galeno, Oliveira Paiva, Filgueiras Lima e inúmeros outros;
- 2 — autores nascidos noutros Estados, mas que produziram literariamente entre nós, como Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior, Alf. Castro ou Demócrito Rocha.
- 3 — autores que se ausentaram, mas ainda assim escreveram obras cearenses, como Domingos Olímpio, Gustavo Barroso, e outros.

Por fim, também incluímos José de Alencar, posto que o consideramos menos um escritor cearense do que um cearense escritor. Já pertencente à literatura brasileira, seus romances *Iracema* e *O Sertanejo* são no entanto puramente nossos, razão por que teremos oportunidade de apresentar um trecho pelo menos do primeiro.

Somente discordamos de Dolor Barreira, bem como da maioria de nossos antologistas, no tocante a Franklin Távora. Este escritor, conquanto seja uma glória para o Ceará, que o viu nascer em Baturité, no ano de 1842, e não obstante seu empenho em criar uma literatura do Norte, daqui partiu ainda criança, indo residir em Pernambuco e (além de seu desconhecido romance *Os Índios do Jaguaribe*) nada produziu que se relacione ao menos com a terra natal. Quanto a seus principais romances, *O Cabeleiro*, *O Matuto* e *Lourenço*, foram justamente subintitulados, o primeiro, “narrativa pernambucana” e, os dois últimos, “crônica pernambucana”. Por isso mesmo Clóvis Beviláqua observou que “nos seus romances ressumbram, cantam, brilham, alegres, ou choram, magoadas, as lendas e tradições da terra pernambucana”, como lembra o próprio Dolor Barreira. ¹

Abelardo Jurema, por sua vez, ao estudar a ficção nordestina, assim se pronuncia com relação ao romancista: “Embora nascido no Ceará, o autor de *Os Índios do Jaguaribe* (1862), seu primeiro e único romance em moldes indianistas, é um escritor de formação nitidamente pernambucana, ou melhor, recifense, com todas as qualidades e defeitos do ambiente literário da tradicional Faculdade de Direito, onde se bacharelou em ciências jurídicas e sociais.” ²

Até prova em contrário, continuaremos considerando-o um escritor nacional ou, quanto à região onde produziu suas obras, pernambucano. Da mesma forma como não acharíamos justo algum antologista do Rio de Janeiro incluir Pápi Júnior numa coletânea carioca (pelo fato de haver o autor de *O Simas* nascido lá), não queremos roubar a Pernambuco esse ficcionista cearense que tanto se destacou, e que Olivei-

ra Lima chamou de "pernambucano de adoção". Antônio Sales, aliás, não o inclui no estudo citado.

Cumpre-nos ainda esclarecer que, atendendo às dimensões do livro e ao espírito do programa que nos traçamos, restringimos os textos exclusivamente ao campo da criação, ou seja, a poesia e a prosa de ficção. Deixamos assim de apresentar páginas de autores que se destacaram única ou principalmente através do Ensaio, seja científico ou literário (a não ser que esses mesmos autores sobressaíam também no terreno que focalizamos).

Massaud Moisés, em sua *A Literatura Brasileira Através dos Textos*, esclarece haver procurado dar um idéia orgânica da evolução histórica de nossa literatura, e não fazer uma escolha de caráter valorativo, razão por que (segundo ele mesmo lembra) deixou de transcrever textos de poetas como Marcelo Gama ou Severiano de Resende, em favor de Bento Teixeira, inferior artisticamente. É o que sucede com nosso trabalho: muitos dos autores aos quais apenas fazemos referência terão sido indiscutivelmente superiores literariamente aos poetas dos Oiteiros. Estes, porém, não poderiam deixar de figurar, pela grande importância que assumem no panorama geral das nossas letras, como pioneiros que foram.

Aliás, no tocante às agremiações literárias, quase inumeráveis, sendo que não poucas congregaram nomes de peso, e deixaram obras que enriquecem nosso patrimônio bibliográfico, preferimos destacar as que julgamos mais importantes: os citados Oiteiros, a Academia Francesa, o Clube Literário, a Padaria Espiritual, o Centro Literário, a Academia Cearense de Letras e o Grupo Clã. Além destas, que realmente marcaram nosso desenvolvimento literário, nenhuma nos pareceu poder figurar nesta crestomatia sem abrir precedente para que surgissem dezenas de outras. Quem quer que tenha pelo menos noções de História Literária compreenderá perfeitamente nosso intuito.

Acreditamos, ainda assim, sejam observadas várias omissões, mesmo no âmbito da pura criação artística: não seria

possível, num livro de proporções normais, o estudo de todos aqueles que prosaram ou poetaram nesta terra de Alencar. Escolhemos os nomes que nos pareceram mais significativos.

Fruto de anos e anos de pesquisa e, sobretudo, convivência com os textos, muito deve este livro à nossa experiência no magistério, onde algumas conclusões nasceram, através de debates.

Não temos evidentemente a pretensão de haver dado a última palavra, é claro. Nada há de definitivo em trabalho desta natureza. Destinado não somente a professores e alunos, mas a todos quantos desejem um panorama de nossa literatura, observações e reparos poderão torná-lo menos defeituoso em edições posteriores, se as houver.

Por enquanto, ocorre-nos reproduzir as palavras de Filipe Nunes, que Manuel Bandeira transcreveu como epígrafe às suas *Noções de História das Literaturas*: “Emende e acrescente quem souber, e aprenda quem não souber, e todos dêem glória ao Senhor”.

Se alcançamos nosso desiderato — que é um velho sonho —, o tempo e os leitores o dirão.

SÂNZIO DE AZEVEDO